

ARQUITETURA MODERNISTA NO BRASIL SOB A ÓTICA DE SERGIO BERNARDES

QUEIROZ, Ana Paula.¹
PASTRE, Amanda Moura.²
PEREIRA, Reonaldo.³
GARDIN, Vanessa.⁴
ANJOS, Marcelo dos.⁵

RESUMO

O presente artigo visa evidenciar a marcante presença da tendência modernista na arquitetura brasileira. Partindo-se de pesquisas bibliográficas, pretende-se apresentar a corrente modernista, como surgiu e como chegou ao Brasil. Para tanto, apresentara-se o arquiteto Sérgio Bernardes e sua icônica obra casa Lota de Macedo Soares, e a partir da apresentação da obra será evidenciado o que está agrega de novo ao estilo modernista.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo, Casa Lota, Sérgio Bernardes, Arquitetura Modernista Brasileira.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta como assunto/ tema a Arquitetura modernista sob a ótica de Sergio Bernardes.

Justifica-se em uma análise desse período a fim de destacar o rompimento dos padrões antigos seguindo a ótica de Sergio Bernardes e suas novas tecnologias, analisadas na casa Samambaia, recursos estes que se contrapõem aos classicistas utilizando-se das formas puras, uso de pilotis, planta livre, utilização de vidro, estrutura metálica, madeira, pedra entre outros

Como objetivo geral pretende-se através de análise, os acontecimentos da época que levaram o movimento Modernista se expandir pelo País. A partir do objetivo geral apresenta-se os objetivos específicos que são: - Analisar os eventos da época que desencadearam a arquitetura modernista; - Verificar as novas tecnologias implantadas na primeira casa modernista com estrutura metálica; - Conferir o legado deixado pelo movimento modernista segundo a obra de Sergio Bernardes.

Dentro de uma dinâmica de desenvolvimento e sobreposição de estilos e escolas de arte e em oposição às formas clássicas, a arte moderna surgiu no final do século XIX em várias expressões artísticas como, por exemplo, pintura, escultura, literatura, arquitetura, fotografia e música.

¹Acadêmica do Centro Universitário Assis Gurgacz do curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: apqfsaion@gmail.com

²Acadêmica do Centro Universitário Assis Gurgacz do curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: manda_pastre@hotmail.com

³Acadêmico do Centro Universitário Assis Gurgacz do curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: r17projetos@gmail.com

⁴Acadêmica do Centro Universitário Assis Gurgacz do curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: vanessagardin_arqeurb@outlook.com.br

⁵Acadêmico do Centro Universitário Assis Gurgacz do curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: anjos@fag.edu.br

No que diz respeito à arquitetura, um dos pontos que realmente saltam a vista é o abandono do neoclassicismo com seus ornamentos rebuscados. Declaradamente o objetivo principal do movimento era romper com os padrões antigos, e por conta disso os artistas modernos buscam constantemente novas formas de expressão utilizando recursos que se contrapõem aos classicistas, como o uso de cores vivas, figuras deformadas, cubos e cenas sem lógica e o que mais se puder imaginar de novo e antagônico ao modelo precedente.

E, em arquitetura essa tendência se mostra mais evidenciada com relação a adoção de novas linhas no design dos projetos, onde o inusitado das curvas se mescla em harmonia ou não com a rigidez das retas. Também muito presente na adoção de novos tipos de materiais para a construção, tais como aço, ferro, barro, vidro e tudo o mais que o arquiteto se dispuser a utilizar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL: MODERNISMO

De acordo com Schapiro (1996) o Modernismo foi um movimento artístico e cultural que se iniciou na Europa e começou a se difundir no Brasil a partir da primeira década do século XX, através de manifestos de vanguarda, principalmente em São Paulo, notadamente com a Semana da Arte Moderna, realizada em 1922. Em contrapartida Klee (2001) diz que a arte moderna surgiu no final do século XIX em várias expressões artísticas como, por exemplo, pintura, escultura, literatura, arquitetura, fotografia e música.

Segundo Cavalcanti (2009) uma das principais diferenciações que faz entre o Modernismo, é as correntes que dizem respeito ao ato de se quebrar a rigidez de fórmulas e técnicas de produção de arte, e é nesse contexto que os impressionistas, primeiros pintores modernos, geralmente escolhiam cenas de exteriores como temas para suas obras: paisagens e pessoas humildes.

Sendo assim, Klee (2001) o maior legado do movimento será apontado no que diz respeito a Arquitetura e Arte Moderna, no entanto, vale salientar que o Movimento Moderno se pretendia multidisciplinar no campo da produção artística e não se limitou a essas duas áreas, se apresentando como um movimento cultural de caráter globalizante que chegou a abarcar vários aspectos, entre eles sociais, tecnológicos, econômicos além dos artísticos (KLEE, 2001).

Inicialmente o Modernismo aparece na Arquitetura brasileira por mãos e obras de arquitetos estrangeiros, mesmo que depois tenham sido arquitetos brasileiros, como Oscar Niemeyer e Lúcio

Costa, que efetivamente deram maior visibilidade e viabilidade a grandes obras do estilo, promovendo sua aceitação pela burguesia industrial emergente (SCHAPIRO, 1996).

Esse movimento iniciou uma nova fase no que concerne ao entendimento de estética em arte, sendo que incorpora em si a integração de tendências que já vinham surgindo, buscando seus fundamentos dentro de uma ótica de valorização da realidade nacional, em total desacordo com as tradições que vinham sendo seguidas, tanto na literatura quanto nas artes (CAVALCANTI, 2009).

No Brasil, o movimento encontra grande capacidade de penetração devido ao período que vivíamos historicamente com a mudança das pessoas para as grandes cidades, com o desenvolvimento industrial que enriquecia uma oligarquia até então ruralista numa nova atividade capitalista com o desenvolvimento industrial que estava começando. Talvez por isso Lúcio Costa tenha afirmado que o Modernismo brasileiro se justifica como estilo, afirmando a identidade de nossa cultura e representando o “espírito da época” (SCHAPIRO, 1996).

2.2 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL.

Segundo Leonideo (2010), a arquitetura moderna buscou se consolidar como algo único na tentativa de criar uma nova identidade. Como característica dessa busca, criou-se a rejeição do repertório formal do passado e a aversão desses pela ideia de estilo, aplicado anteriormente aos velhos estilos históricos que se utilizavam de ornamentação. Surge aí a velha premissa de que “menos é mais” na fala do arquiteto Mies Van Der Rohe e com isso, toda ornamentação passa a ser um mal a ser combatido.

Benévolo (2002) diz que Le Corbusier deixou sua contribuição através de 5 pontos principais que daria as edificações uma nova linguagem arquitetônica:

- I. Construção sobre pilotis: criando uma nova perspectiva no ambiente urbano e uma nova ligação da relação entre interno e externo observador e morador.
- II. Terraço – jardim: utilizando a última laje da edificação como espaço de lazer.
- III. Planta livre da estrutura: O uso de sistemas viga-pilar em grelhas ortogonais geraria a flexibilidade necessária para a melhor definição espacial interna possível.
- IV. Fachada livre da estrutura: consequência do tópico anterior. Os pilares devem ser projetados internamente às construções, criando recuos nas lajes de forma a tornar o projeto das aberturas mais flexível. Deveriam ser abolidos quaisquer resquícios de ornamentação.



14º ENCONTRO
CIENTÍFICO CULTURAL
INTERINSTITUCIONAL

“EMPODERAMENTO DO INDIVÍDUO”



Janela em fita: a certa altura, de um ponto ao outro da fachada, de acordo com a melhor orientação solar.

3 ESCOLAS E ESTILOS DE ARTE: CONCEITO

Para que se compreenda o conceito de escolas e estilos de arte é necessário que, entenda-se primeiramente a definição do termo arte em si. Desta forma, uma boa definição pode ser apontada na citação de Anna Adami: “a designação do termo *Arte* vem do latim *Ars*, que significa habilidade. É definida como uma atividade que manifesta a estética visual, desenvolvida por artistas que se baseiam em suas próprias emoções” (CAVALCANTI, 2009).

Sabe-se que a arte tem sido uma necessidade de expressão desde os primórdios da vivência da raça humana no planeta Terra, e ao que tudo indica, se prestava em seu nascedouro a suprir necessidades de sobrevivência, como utensílios do dia a dia, principalmente em ferramentas de cozinha e posteriormente passa a figurar em inscrições nas cavernas, provavelmente com o intuito de individualizar as posses dos rudimentares artistas (CAVALCANTI, 2009).

Toda a arte tem pretensão de ser uma expressão “viva” do pensamento do artista e salientar sentimentos, diversificando-se por meio de correntes de estilo e estéticas diferentes (KLEE, 2001).

Estilo e Estética são as suas manifestações. Estilo é a forma da obra e Estética é o fundamento da Arte. Cada qual interpreta os cenários e objetos de uma maneira única e singular, e o agrupamento de interpretações mais ou menos similares em questão de estilo e técnica fica conhecido como escola de arte tal qual as conhecemos, com as nomenclaturas atuais (SCHAPIRO, 1996).

Contudo, no modernismo pode-se dizer que os artistas buscaram o rompimento das regras na busca de um novo estilo capaz de expressar a vida moderna, desta forma, conceitua-se a arte moderna como produção artística que se iniciou no fim do século XIX, e se estendeu até os anos de 1970. A arte modernista conecta-se com todos os estilos dos demais movimentos artísticos, como forma de experimentar novas visões, porém no início do modernismo buscou uma negação a tudo que era anterior na arte (KLEE, 2001).

Os movimentos mais destacados na arte moderna foram o fauvismo, futurismo, cubismo e escola de Paris (SCHAPIRO, 1996).

3.1 PRINCIPAIS ARQUITETOS E OBRAS MODERNISTAS.

Em sua obra, *Historia Da Arquitetura Moderna*, Benevolo (2001) reúne nomes que se destacaram na arquitetura moderna, tais como Le Corbusier, Ludwig Mies van der Rohe, Walter

Gropius, Marcel Breuer, Philip Johnson e Frank Lloyd Wright, que seguindo a ideia dessa nova tendência arquitetônica, cada um destes arquitetos adoptou por uma linguagem própria e independente.

Enquanto no Brasil destacam-se os arquitetos Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Attilio Correa Lima, os irmãos Marcelo e Milton Roberto e outros (LEONIDEO, 2010).

Temos como historicamente aceito que a primeira obra moderna de repercussão nacional foi o prédio do Ministério da Educação e Saúde – MES, cujo projeto foi realizado em 1936, no governo de Getúlio Vargas, por uma equipe de arquitetos composta pelos principais entusiastas do movimento, tais como: Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos, liderados por Lúcio Costa (ADAMI, 2016).

Esse edifício foi concebido de acordo com os fundamentos modernistas e tornou-se um marco para a arquitetura brasileira, representando a ruptura com as formas arquitetônicas ornamentadas com motivos historicistas e simbólicos que eram usadas na época. Essa imagem de modernidade e progresso que o prédio do Ministério representava estava também vinculada aos ideais de inovação pretendidos pelo Estado Novo – regime político autoritário que vigorou até 1945, quando da deposição de Vargas (ADAMI, 2016).

4 SERGIO BERNARDES

Nascido em 1919, carioca de Botafogo e filho do jornalista Wladimir Bernardes, graduou-se arquiteto em 1948 pela Faculdade do Rio de Janeiro, em meio ao clima de otimismo gerado pelo reconhecimento internacional da arquitetura moderna brasileira, e logo, destacou-se junto aos seus principais expoentes: Oscar Niemeyer, Lucio Costa e os irmãos Roberto. Suas experimentações relacionadas aos materiais e métodos construtivos, criados e/ou desenvolvidos muitas vezes por ele mesmo, são reconhecidamente inovadoras (PONTES, 2002).

Como livre pensador, dedicou-se ao longo de sua trajetória à produção, criação, à crítica, às reflexões e experimentações que transitavam por diferentes campos e tocavam as mais variadas escalas. Em 1974, criou o L.I.C. - Laboratório de Investigações Conceituais, com o objetivo de desenvolver estudos e pesquisas sobre os mais variados temas (PONTES, 2002).

4.1 CASA LOTA DE MACEDO SOARES

Criada para Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop, a casa Lota, também conhecida por casa Samambaia, era o modelo do lar de Gertrud Stein/Alice B. Tolklas, abrigo da geração perdida na Paris do início do século vinte, que encontrava nova versão e espaço naquele ponto da Serra do Mar. Com vista imponente, o terreno dominava as montanhas e o vale (NOBRE, 2002).

Sérgio Bernardes, aos 32 anos, cria um dos mais radicais projetos de casa moderna. Um telhado de alumínio ondulado recai sobre uma treliça metálica e pilares de aço, sobrevoando e protegendo a construção, alternando espaços abertos e fechados. Planos de vidro, tijolos e pedra constituem os espaços (NOBRE, 2002).

Uma longa e elegante galeria em rampa de dois trechos serve como varanda e conduz ao estar social e aos aposentos internos. A casa, aberta para a natureza foi construída em três anos, tempo consumido principalmente devido ao ineditismo das técnicas e dos materiais utilizados. As treliças, por exemplo, foram montadas no canteiro de obras a partir da dobragem de longarinas de vergalhões de aço usualmente empregados como estrutura interna das estruturas de concreto armado. Os vergalhões foram soldados em “zig-zag”, entre as compridas peças laterais. No acabamento final essas últimas foram pintadas de preto enquanto os trechos intermediários, em “v”, eram brancos (NOBRE, 2002).

A casa obteve o prêmio para obras de arquitetos abaixo de 40 anos na II Bienal de São Paulo, conferido por júri ilustre integrado por Alvar Alto, Walter Gropius e Ernest Rodger. Esse não foi, contudo, o único prêmio a contemplar a casa e seus habitantes. Elizabeth Bishop foi agraciada, em 1955 com o Pulitzer de Poesia, em reconhecimento a seu livro *Poems: North & South – A Cold Spring*. Escrito em Samambaia, tinha entre seus poemas um dedicado à própria morada, a “Canção para a estação das chuvas” que assim terminava: “o vapor / escala a vegetação espessa / sem esforço, volta-se / e envolve ambas, / casa e rocha, / numa nuvem particular” (PONTES, 2002)

Essa “residência-galpão”, embora ainda artesanal, foi o primeiro experimento consistente do uso de estruturas metálicas no Brasil, prenunciando um fértil caminho que seria desenvolvido por Bernardes nos anos que se seguiram (PONTES, 2002).

5. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a elaboração da pesquisa é o método hipotético – dedutivo. O qual avalia a percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual estabelece hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição do acontecimento de fatos abrangidos pela hipótese (MARCONI e LAKATOS, 2011).

Além do método hipotético, serão realizadas também pesquisas bibliográficas em livros, artigos e periódicos. Para Ruiz (1982) a revisão bibliográfica consiste em uma análise de tudo que já foi produzido sobre determinado assunto que serve como referência para a elaboração de outros trabalhos.

6. ANÁLISES E DISCUSSÕES

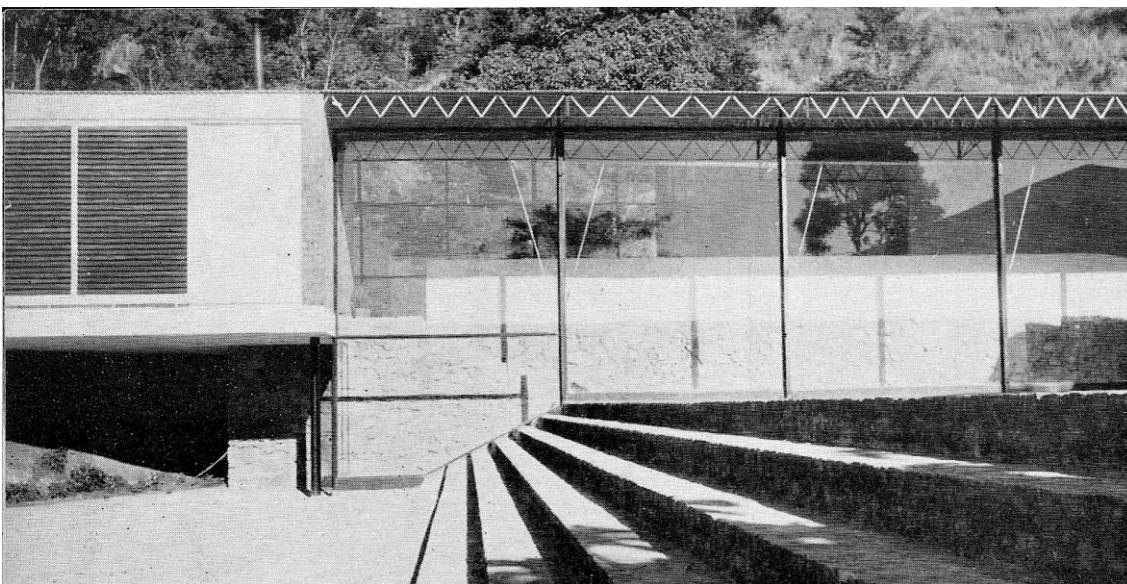
Pode-se notar que nas obras de Sérgio Bernardes usa-se a marca de originalidade quanto aos materiais e as formas. Entretanto, a continuidade expressiva de seus projetos, marcada por propostas ousadas e inovadoras, produto de uma constante experimentação, que não pode ser analisada sem levar em conta os artifícios utilizados para provocar os sentidos dos usuários.

Bernardes em seus projetos concebia o espaço acreditando que era uma realidade sensorial do homem, onde, o observador tomava consciência ao se movimentar, utilizando de sentidos da visão, tato e audição. Além disso, as cores, texturas, reflexos, luminosidade, a busca pela beleza e poesia são sempre pontuadas pelas surpresas visuais, que segundo o arquiteto, devem interagir com

o usuário partindo das provocações geradas por jogos de luz e sombra que davam forma e volume as obras.

Dando ênfase a arquitetura modernista, o projeto da casa foi o primeiro a ser empregada estrutura metálica nas residências no Brasil, onde estas usam o sistema de zigue-zague que precisou ser montado em obra, de modo artesanal (Figura 01). Possuindo 35 m de frente, e possuindo desenho alongado e leve é dividida em alas ligadas por uma galeria.

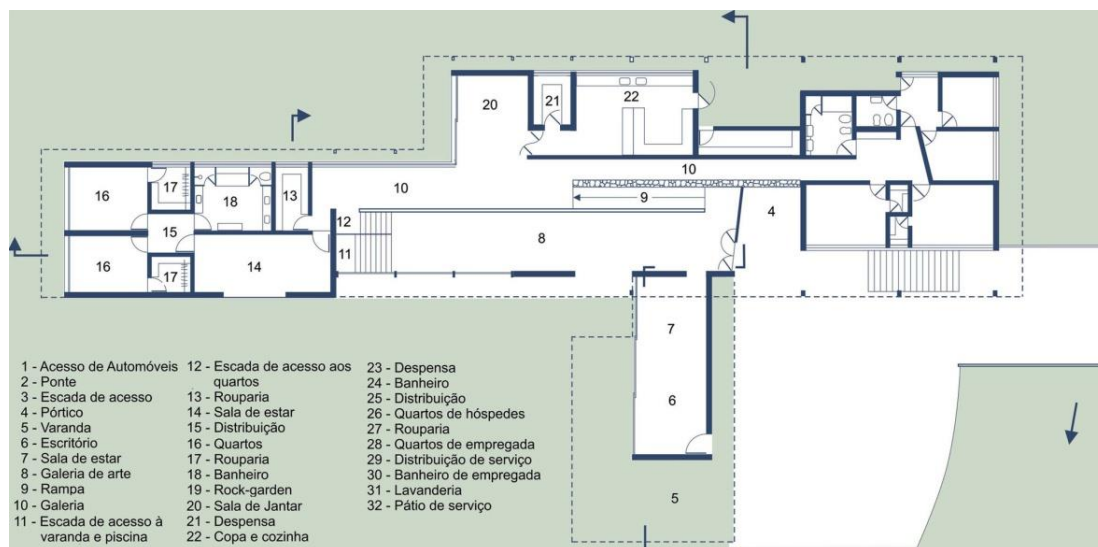
Figura 01: Sistema construtivo da casa



Fonte: ArchDaily, 2016.

A Casa Sebambaia possui espacialidade dilatada, o que permite desdobrar-se por todas as direções (Figura 02).

Figura 02: Planta Baixa da Casa com seus determinados ambientes



Fonte: ArchDaily, 2016.

As circulações, rampas e extensões são elementos principais no projeto (Figura 03).

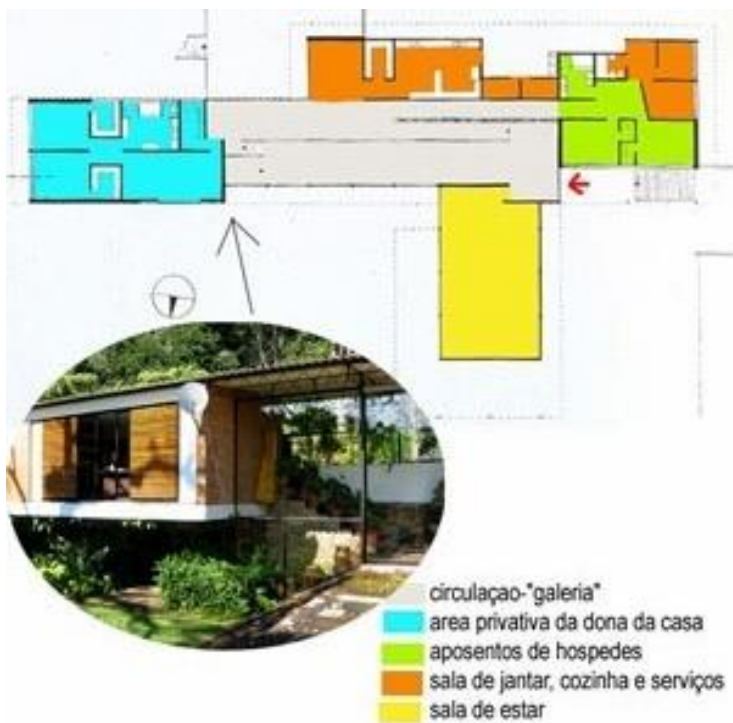
Figura 03: Imagem externa da casa



Fonte: ArchDaily, 2016.

Além disto, a casa divide-se em cinco zonas bem definidas: galeria e circulação, cozinha e jantar, ala íntima, dependência de hóspedes e de empregados, além de uma sala de estar que fica disposta perpendicular que fica ao corpo principal (Figura 04).

Figura 03: Setores e ambientes da casa



Fonte: Pontes, 2002.

A clareza e a setorização dos ambientes podem ser analisadas na obra também por seus recortes irregulares remetendo a arquitetura modernista, além de amplos panos de vidros envolvendo a e oferecendo máximo contato com a luz (Figura 05). A arquitetura de Bernardes não aceita nenhum tipo de restrições, onde o arquiteto teve como principal ponto para criação de seus projetos a grandeza do espetáculo da vida.

A partir da arquitetura moderna, pode-se notar a maneira que Bernardes pensa quanto às formas e os materiais, mostrando também seu domínio sobre técnicas que permitem uma perfeita integração entre as estruturas e a forma arquitetônica. Além destes compromissos com estabilidade da construção de ambientes adequados, esse projeto mostra como Bernardes evidenciou o campo psicológico da arquitetura, na provocação da psique do usuário.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a arte tem sido uma necessidade de expressão desde os primórdios da vivência da raça humana no planeta Terra, e ao que tudo indica, ela se prestava em seu nascedouro a suprir necessidades de sobrevivência, como utensílios do dia a dia, principalmente em ferramentas de cozinha e posteriormente passa a figurar em inscrições nas cavernas, provavelmente com o intuito de individualizar as posses dos rudimentares artistas.

O desenvolvimento dessas técnicas vai evoluindo ao longo do desenvolvimento das várias culturas que se sucedem no planeta, desta forma, o Brasil, desde seu descobrimento tende a ser um simples reprodutor de arte importada da Europa.

E, mesmo que o modernismo não tenha sido se originado em nosso país, essa é a primeira tendência de arte onde vemos a infiltração de elementos genuinamente brasileiros na busca de criação e desenvolvimento de um estilo próprio mais apropriado para as aspirações nacionalistas da época.

A casa samambaia de Sergio Bernardes, aparece nesse contexto como um modelo de arquitetura que corresponde aos anseios desse período. A sobriedade e economia de suas formas retas, planos abertos que congregam a paisagem, a rusticidade dos materiais locais e demais elementos que incorporam as características estabelecidas pelos arquitetos desse momento histórico do país, demonstram que a obra representa essa mudança de paradigmas que foi propiciado pela adoção de uma nova tendência na arte de projetar Arquitetura.



REFERÊNCIAS

BENEVOLO, Leonardo. **Historia da arquitetura moderna**. São Paulo – SP. Editora perspectiva, 2001.

CAVALCANTI, Lauro. **A importância de Sérgio Bernardes**. São Paulo Vitruvius, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/>>. Acesso em: 10 set 2016.

KLEE, Paul. **Sobre a arte moderna e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LEONÍDEO, Otavio. **Carradas de razões. Lúcio Costa e a Arquitetura Moderna Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2010.

NOBRE, Ana Luiza. **Sérgio Bernardes: a subversão do possível**. *Arquitetura.Crítica*, n. 009.02. São Paulo, Vitruvius, jun. 2002 Disponível em: <www.vitruvius.com.br/ac/ac009/ac009_2.asp>. Acesso em: 1 set 2016.

PONTES, Ana Paula. **Sérgio Bernardes e Eduardo De Almeida: arquitetura que ensina**. *Arquitetura. Crítica*, n. 009.04. São Paulo, Vitruvius, jun. 2002 disponível em: <www.vitruvius.com.br/ac/ac009/ac009_4.asp>. Acesso em: 10 set 2016.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 1982.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 1982.

SCHAPIRO, Meyer. **A arte moderna: séculos XIX e XX**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.